

## A Gradual Consolidação do Constructo de Geografia de Hettner:

1901 – 1908\*

Ute Wardenga\*\*

Leibniz-Institut für Länderkunde

**Resumo:** No presente artigo serão analisados os textos metódicos e metodológicos fundamentais de Alfred Hettner (1859-1941) publicados no espaço de tempo de 1901 a 1908. Com estes textos Hettner almejava dois objetivos: em primeiro lugar, ele queria dar à Geografia enquanto disciplina então recém-institucionalizada nas universidades alemãs uma posição segura na sistemática das ciências; em segundo lugar, ele pretendia clarificar quais conteúdos, como e por que os mesmos deveriam pertencer a esta nova disciplina. No resultado das análises será mostrado que Hettner conseguiu derivar logicamente – através da mudança da base ontológica – tanto a autonomia como também a unidade da Geografia. O elemento que conecta todos os textos é a perspectiva corológica por ele desenvolvida. Esta encontra-se na base da aquisição e análise de quadros de distribuição, variações e diferenciações espacialmente referenciados e, conforme as ideias de Hettner, deve ser aplicada igualmente na Geografia Física e na Geografia Humana. Na medida em que percebe o “mundo” a partir das lentes desta perspectiva, o geógrafo, segundo a concepção de Hettner, é capaz de constituir uma coleção de fatos científicos autônoma e diferenciável de outras ciências; mas, sobretudo, na medida em que ele aplica os fundamentos da investigação corológica, pode delimitar espaços em diferentes níveis escalares de modo metodologicamente claro e seguro.

**Palavras-chave:** Geografia Regional. Corologia. História e Epistemologia do Pensamento Geográfico. Teoria e Metodologia da Geografia. Alfred Hettner.

### THE GRADUAL CONSOLIDATION OF HETTNER'S GEOGRAPHY CONSTRUCT: 1901-1908

**Abstract:** This paper analyzes Hettner's basic methodical and methodological essays, which were published between 1901 and 1908. With these essays Hettner pursued two goals: firstly, he wanted to give geography a new position in the system of sciences as a subject just now institutionalized at German universities; Second, he wanted to clarify what content should and why should belong to this new discipline. As a result of the analyzes, the paper shows that by shifting the ontological basis Hettner was able to derive logically both the autonomy and the unity of geography and to substantiate it systematically. The connecting element of all essays is the chorological perspective he has developed. It is designed to capture and analyze spatial distribution patterns, variances, and disparities, and according to Hettner's ideas it should be applied equally in physical geography and human geography. By perceiving “the world” through the lenses of this perspective, the geographer, according to Hettner, is able to constitute an independent sample of scientific facts that can be distinguished from other sciences; Above all, however, by applying the principles of chorological observation, he can delimit spaces at different scale levels in a methodologically reliable and clean manner.

**Keywords:** Regional Geography. Chorology. History e epistemology of geographical Thought. Theory and methodology of Geography. Alfred Hettner.

### LA GRADUAL CONSOLIDACIÓN DEL CONSTRUCTO DE GEOGRAFÍA DE HETTNER: 1901-1908

**Resumen:** En este artículo se analizarán los textos metódicos y metodológicos fundamentales de Alfred Hettner (1859-1941) publicados en el espacio de tiempo de 1901 a 1908. Con estos textos Hettner anhelaba dos objetivos: en primer lugar, quería dar a la Geografía como disciplina entonces recién institucionalizada en las universidades alemanas una posición segura en la sistemática de las ciencias; en segundo lugar, pretendía aclarar qué contenidos, cómo y por qué deberían pertenecer a esta nueva disciplina. En el resultado de los análisis se mostrará que Hettner logró derivar lógicamente - a través del cambio de la base ontológica - tanto la autonomía como también la unidad de la Geografía. El elemento que conecta todos los textos es la perspectiva corológica por él desarrollada. Esta se encuentra en la base de la adquisición y análisis de cuadros de distribución, variaciones y diferenciaciones espacialmente referenciadas y, según las ideas de Hettner, debe aplicarse igualmente en la Geografía Física y la Geografía Humana. En la medida en que percibe el “mundo” a partir de las lentes de esta perspectiva, el geógrafo, según la concepción de Hettner, es capaz de constituir una colección de hechos científicos autónoma y diferenciable de otras ciencias; pero sobre todo en la medida en que aplica los fundamentos de la investigación corológica, puede delimitar espacios en diferentes niveles escalares de modo metodológicamente claro y seguro.

**Palabras clave:** Geografía Regional. Corología. Historia y Epistemología del Pensamiento Geográfico. Teoría y Metodología de la Geografía. Alfred Hettner.

\*O presente texto foi originalmente concebido sob o título “Die allmähliche Konkretisierung von Hettners Konstrukt der Geographie: 1901 – 1908” como terceiro capítulo da tese de doutoramento da autora intitulada “Geographie als Chorologie: Zur Genese und Struktur von Alfred Hettners Konstrukt der Geographie”, publicada em 1995 pela Franz Steiner Verlag Stuttgart na série Erdkundliches Wissen, n° 100. Agradecemos à autora pela autorização da tradução e publicação bem como pela redação do resumo e das considerações finais, ambos especialmente concebidos para a presente publicação. Os acréscimos ao texto e às citações feitos pela autora foram por ela mesma identificados através das iniciais de seu nome “UW”. Tradução de Leonardo Arantes e revisão de Rogério Haesbaert.

\*\* Dra. Ute Wardenga é vice-diretora do Leibniz-Institut für Länderkunde (Instituto-Leibniz de Geografia Regional) em Leipzig, na República Federal da Alemanha, e coordenadora do Departamento de Teoria, Metodologia e História da Geografia da mesma instituição.

Tudo o que Hettner havia empreendido até a virada do século [XIX para o XX], do ponto de vista da formação de consenso acerca das tarefas e objetivos da Geografia, lamentavelmente fracassara. Os *Handbücher der Länderkunde* (Manuais de Geografia Regional) não haviam saído da fase de planejamento. A obra de mapas fundamentais estatístico-populacionais havia fracassado, em parte de maneira subliminar, em parte de modo aberto, por resistência de seus pares acadêmicos. Após o ano de 1900, ele resolveu arcar com as consequências e resgatar intensamente, a partir de suas raízes, suas próprias possibilidades. Na verdade, ele havia sido convidado para lecionar como professor extraordinário, num certo vai e vem, primeiramente em Tübingen, no ano de 1897, depois em Würzburg, em 1898 e, finalmente, em Heidelberg em 1899. Também no início de 1899, havia conhecido em Heidelberg Bertha Rohde, filha do conhecido filólogo da Antiguidade Erwin Rohde, casando-se com ela apenas um ano e meio depois. O casamento, contudo, durou somente um curto período. Em 1900, verificou-se que Bertha Hettner fora acometida por tuberculose; em meados de julho de 1902 findou seu sofrimento<sup>1</sup> (HETTNER, 1960a:58). Já no período da doença de sua mulher, Hettner havia se ausentado das atividades acadêmicas, até o ponto em que fora possível. Então, pôs-se novamente onde, antes de sua ocupação com questões de Antropogeografia, havia suspenso o trabalho: na pesquisa e apresentação geográfico-regional bem como na reflexão de seus métodos. É claro que as condições de partida não eram nada agradáveis. O texto complementar arduamente construído para o Atlas de mão (*Handatlas*) de Spamer não podia realizar sua função, pois ele se encontrava confinado em meio ao não comercial, porquanto se tratava de um Atlas de mapas de má qualidade. Por esta razão, Hettner estabeleceu novas negociações com a editora Spamer, as quais tinham por objetivo publicar o texto reelaborado e liberto de quaisquer limitações estritamente espaciais enquan-

<sup>1</sup>Apenas pouco antes de sua aposentadoria Hettner se casou pela segunda vez, sem alarde – segundo informação relatada por Ernst Plewe: por insistência de Schmittener. Esta ligação era, aos olhos de Hettner, protocolar, pois ele contraiu matrimônio com Marie Mall, que fora primeiramente para sua casa para cuidar de sua primeira mulher. Todavia, o que o “senhor conselheiro secreto” tinha a agradecer a esta simples filha de agricultores oriunda de Ulm Alb, é muito alto para se calcular. Pouco a pouco ela progrediu no papel de secretária privada, motorista e para os alunos de Hettner carinhosamente como mãe dos estudantes ou simplesmente “Tia Marie”. Sem os cuidados incansáveis desta mulher a vida de Hettner jamais poderia ser imaginada, mesmo quando ele levava a vida enquanto professor universitário de influência crescente e publicista incansável, ainda que sentado [num]a cadeira de rodas. O filósofo Hermann Glockner, aluno de Rickert, escreveu a este respeito: “Hettner foi dentre os sábios de Heidelberg uma das personalidades mais soberanas. Quem morava na rua Scheffelstraße como eu, encontrava-o com muita frequência. Ele ia de lá pra cá no rio Neckar quase diariamente: de braços dados com sua antiga governanta [ela], com quem ele há muito havia se casado. Ambos formavam uma unidade rara, pois ele não podia se locomover sozinho, uma vez que seus pés [entenda-se as pernas] estavam entevados e deste modo balançavam por isso conjuntamente tal como uma águia bicéfala austríaca cambiante: ambas as cabeças e tórax do mesmo modo ágil para lados opostos tal como as pernas opostas. (...) Ele não parecia com seu pai, que conheci através de imagens; era mais delicado e tinha um caminhar sofrido, que a mim me parecia não provir apenas de suas deficiências físicas”. (GLOCKNER, Heidelberg Bilderbuch, p. 254).

to um compêndio de Geografia Regional; ao mesmo tempo, contudo, ele começou a trabalhar em sua “Geografia Regional Comparativa” (*Vergleichende Länderkunde*) (HETTNER, 1960b:78). Juntamente com esta apareciam as reflexões metodológicas. Em primeiro lugar, todavia, ele não planejava, ao que parece, publicar também suas reflexões teóricas. Logo após a virada do século ele as via apenas como simples “constructos auxiliares” para uso próprio (HETTNER, 1960b: 79).

Esta avaliação se alterou quando Friedrich Ratzel publicou dois extensos volumes sobre “A Terra e a Vida” (*Die Erde und das Leben*). O tratado de Ratzel trazido ao mercado como “Estudo comparativo da Terra” (*vergleichende Erdkunde*) deveria apresentar, sob influência de Carl Ritter, “sobretudo as interações dos fenômenos da superfície terrestre” do ponto de vista de uma compreensão das regularidades que atuam sobre esta (RATZEL, 1901: Prefácio). Entretanto, principalmente por “razões práticas” (RATZEL, 1901: Prefácio), Ratzel havia mantido em sua descrição a classificação comum dos fenômenos segundo geofatores. Sistemáticamente, as forças endógenas, as terras firmes, ilhas e costas, rocha, sedimento e solo, meteorização e erosão bem como o relevo foram tratados no primeiro volume de maneira sequencial após uma introdução histórico-cosmológica. No segundo volume, descreveu a hidrosfera e a atmosfera da Terra assim como a vida terrestre. Uma vez que, na sua opinião, “não pertencia à imagem da Terra apenas o registrar dos fatos geográficos”, mas sim também dos seus “efeitos sobre o espírito e sobre os sentidos do ser humano” (RATZEL, 1901: Prefácio), ele agregou, por exemplo, à consideração<sup>2</sup> das terras firmes e ilhas, uma apresentação de sua influência sobre a dispersão da vida, do mesmo modo que prosseguiu à discussão sobre os litorais um capítulo sobre sua significação na vida dos povos. Numerosas descrições paisagísticas entremeadas deveriam mostrar, além disso, “como os vulcões, as montanhas, entre outros, existem em seus entornos, na natureza em geral, e a partir dela causam efeito sobre o espectador” (RATZEL, 1901: Prefácio). Como Ratzel desenvolveu um fogueatório de conhecimentos específicos nos dois volumes de sua “Antropogeografia” (*Anthropogeographie*), a concepção da Terra enquanto um complexo de regiões (*Länder*), paisagens e localidades permaneceu uma página em branco em sua sistemática ordenada segundo geofatores.

<sup>2</sup>Em função de variações em sua carga semântica, o termo alemão “Betrachtung” (consideração, contemplação, reflexão, meditação, observação) que deriva do verbo “betrachten” (considerar, contemplar, assuntar, observar, mirar, encarar, olhar, atentar) e cujo núcleo semântico oscila sobretudo entre “consideração” e “contemplação”, optou-se aqui por vertê-lo para o português ora por “consideração”, quando seu significado estaria atrelado à ideia de “levar algo em conta”, “considerar algo”, ora por “contemplação”, quando seu sentido estaria mais ligado a um modo de pensar ou refletir um campo do saber. [N.T.]

A abordagem de Ratzel, que no núcleo estava comprometida ainda com a ideia de uma Geografia enquanto Ciência Geral da Terra (*allgemeine Erdwissenschaft*), evocou de imediato a crítica de Hettner. “Com as generalizações de Ratzel não posso principiar nada”, afirma ele de maneira curta e grossa no final de 1903 em uma carta a Hermann Wagner. Quando ele, por exemplo, “leu algumas páginas da Geografia Política”, ficou “tão atordoado” que teve que “guardá-las”. Ratzel não levou a cabo explicar cientificamente “uma determinada esfera de fatos”, julgou Hettner. Ele ficou preso no “belo falatório” e “em uma propedêutica mais ou menos espirituosa”<sup>3</sup>. Segundo a opinião de Hettner, o problema do “Estudo comparativo da Terra” (*vergleichende Erdkunde*) deveria ser abordado de maneira completamente diferente. Em primeiro lugar, poderia ter trazido à consciência que se tratava na Geografia de uma elaboração das diferencialidades locais (*örtliche Verschiedenheiten*) de uma classe de fenômenos. Em segundo, o tipo inteiro de descrição regional (*Landesbeschreibung*) deveria estar de acordo com as exigências da ciência moderna. Fazia-se necessária uma reflexão acerca do conteúdo concreto da Geografia, da determinação dos estados e processos que poderiam estar relacionados no interior da investigação, assim como o esclarecimento da questão, através de que teriam sido causados os fatos, estados e processos a serem tratados na descrição por geógrafos. Também não estava claro até que ponto os trabalhos geográficos se diferenciavam dos trabalhos de outras disciplinas, porquanto ainda muito pouco havia sido feito para se refletir do ponto de vista lógico sobre os conceitos fundamentais e os princípios básicos da Geografia. Mesmo quando se recorreu, com Richthofen, à superfície terrestre (*Erdoberfläche*) como o conceito central da Geografia, precisou-se logo afirmar que agora este conceito não estava definido claramente. O mesmo seria válido no tocante ao problema da regionalização. Se a tarefa da Geografia consistia em descrever a Terra como um complexo de regiões (*Länder*), a Geografia Regional necessitaria de determinados critérios imprescindíveis, segundo os quais uma divisão da superfície terrestre fosse empreendida.

A esta problemática da determinação do conceito de superfície terrestre, de estabelecimento do conteúdo concreto da Geografia, da reflexão da causalidade e da revelação de critérios de regionalização foi dedicado um artigo metodológico, que Hettner já havia redigido em 1901, e que publicara agora sob o título programático “Conceitos Fundamentais e Princípios Básicos da Geo-

grafia Física” (*Grundbegriffe und Grundsätze der physischen Geographie*) (HETTNER, 1960b: 79), como reação ao surgimento de “A Terra e a Vida” (*Die Erde und das Leben*) de Ratzel, no início de 1903.

Hettner trouxe primeiramente uma diferenciação do conceito de “superfície terrestre” do ponto de vista da “superfície terrestre real” (*wirkliche Erdoberfläche*) e da “superfície terrestre matemática” (*mathematische Erdoberfläche*). Ao contrário da “superfície terrestre real”, a “superfície terrestre matemática” seria, para Hettner, o constructo relevante. Todas as superfícies, linhas e pontos a serem concebidos pelo geógrafo no âmbito da “superfície terrestre matemática” não seriam nenhuma figura dentro de uma realidade cunhada por evidência primária, pois o sistema de referência fundante seria uma abstração” (HETTNER, 1903: 24-28). Quando se trabalhava na Geografia, portanto, com uma redução baseada na abstração, resultava que as figuras a serem apresentadas na descrição regional (*Landesbeschreibung*) não seriam mais “de imediato sensivelmente perceptíveis e por isto [não mais] conhecidas por todo mundo” (HETTNER, 1903: 23). Figuras corpóreo-esteriométricas tridimensionais se transformavam, através de projeção, em figuras planimétricas; as imagens assim criadas, do mesmo modo como as fronteiras em si oriundas apenas por meio do processo de redução, não existiam na realidade (HETTNER, 1903: 27). A tarefa de uma Geografia que opera deste modo consistiria, para Hettner, na constatação, descrição e explicação das “relações espaciais” (*räumliche Verhältnisse*) (HETTNER, 1903: 30). O objetivo do geógrafo seria, por conseguinte, a concepção de fatos sob o ponto de vista de seu arranjo espacial (*räumliche Anordnung*). Para poder alcançá-lo, o material factual inteiro deveria ser examinado, se e até que ponto ele – ordenado segundo classes de fenômenos – apresentava diferencialidades locais, uma vez que espaços apenas poderiam ser constituídos sobre uma tal diferença.

Assim, no que se referia ao conteúdo concreto do material factual a ser concebido pelo geógrafo, Hettner constatou que de fato poder-se-ia levar em consideração a natureza inorgânica segundo categorias idênticas, no tocante às suas propriedades concretas, ainda que composição material, relações formais, assim como relações físicas e químicas apresentassem diferente formação em consequência dos diferentes estados de agregação da crosta terrestre sólida, da hidrosfera e da atmosfera. Enquanto as propriedades da forma e da composição material seriam importantes apenas para a consideração da crosta terrestre sólida, os processos, ao contrário, exerceriam um papel na hidrosfera e na atmosfera, assim como as relações de pressão e as relações físicas exerceriam um papel na atmosfera

<sup>3</sup>Em carta de Hettner a Hermann Wagner de 23 de outubro de 1903, Biblioteca universitária de Göttingen.

(HETTNER, 1903: 33-37). Diferentemente dos fenômenos da natureza inorgânica, nem a composição material, nem a forma ou as relações físico-químicas teriam significado para a concepção da vida. Aqui, tratar-se-ia da consideração de indivíduos e coletivos – formulado de maneira mais concreta, tratar-se-ia do arranjo de diferentes locais da superfície terrestre com organismos de qualidade e quantidade distintas. De maneira resumida, portanto, isso significaria que, no tocante à crosta terrestre sólida, o geógrafo deveria considerar os fatos sobretudo segundo sua composição material e suas relações formais, concebendo os fatos da hidrosfera e da atmosfera fisicamente enquanto fenômenos de movimento, porém, interpretando os fenômenos da vida do ponto de vista de suas propriedades enquanto indivíduos e coletivos. Com esta análise elementar do conteúdo concreto da Geografia, as primeiras perspectivas de uma ordem haviam trazido de maneira puramente descritiva os fatos a serem concebidos na consideração da multiplicidade.

Em um segundo passo, Hettner refletiu sobre o entrelaçamento de causas que esses fatos implicam. A análise das conexões causais primeiramente empregada por ele segundo os reinos singulares da natureza explicitava que não se poderia proceder em nenhum dos diferentes reinos da natureza, inorgânica e orgânica, do ponto de vista da explicação monocausal. Ao contrário, a análise conduziria para inúmeras fontes de energia (HETTNER, 1903:121-29) diferentes, as quais Hettner instantaneamente concebeu como energia telúrica, de um lado (movimento da Terra, peso da Terra, calor da Terra etc.), e energia cósmica (atração do Sol e da Lua, raios solares etc.) de outro<sup>4</sup>. A conexão procurada entre os fatos pertencentes às diferentes esferas de fenômenos deu-se então quando se colocou em perspectiva a consideração da transformação de energia em um determinado ponto da Terra. Aqui, com certeza não era permitido “contentar-se com os conceitos gerais de influência, implicação, dependência”, mas sim era necessário diferenciar “entre causas atuantes – as mesmas que, na medida em que atuam, sofrem uma mudança e por isto estão sujeitas ao princípio da conservação de energia – e condições puras, as quais” determinam (HETTNER, 1903: 132) “a direção (...) do processo iniciante”. Em segundo lugar, dever-se-ia pensar, do ponto de vista da causalidade dos fenômenos a serem levados em consideração, se determinados fatos eram efeito de um desenvolvimento ou se eles, em

consequência da implicação mediada pelos sistemas de movimento, apresentavam-se simultaneamente em diferentes pontos da superfície terrestre. Enquanto, por exemplo, os fenômenos da atmosfera apenas duravam na mesma medida das causas atuantes, inúmeros fenômenos da crosta terrestre sólida dos reinos vegetal e animal assim como do ser humano somente podiam ser explicados com a ajuda do modo de pensar histórico-genético (HETTNER, 1903: 133). Isso significava, contudo, que no tocante à explicação de fenômenos da crosta terrestre sólida assim como dos mundos vegetal e animal o momento temporal não podia ser excluído completamente da Geografia (HETTNER, 1903: 133).

Em um terceiro passo, Hettner refletiu sobre a questão de como se poderia chegar a uma sequenciação de fatos de diferentes esferas de fenômenos, se o material não fosse mais agregado segundo os reinos singulares da natureza, mas sim conforme séries abrangentes de causalidade. Além disso, ele classificou cinco séries causais: a constituição interna e as divisões dos continentes e oceanos dadas através dela, a ordenação e forma bruta da cadeia de montanhas assim como também os sistemas fluviais – “em [sua dimensão] maior e no conjunto” – seriam determinados pela causalidade endógena (HETTNER, 1903: 138). À série exógena pertenceriam todos os fatos provenientes da remodelação exterior da superfície terrestre e certamente também aqueles que tiveram que ser considerados enquanto efeito de outros climas no passado geológico recente. A série de fatos climáticos compreenderia todos os fenômenos que são “dependentes dos raios solares enquanto sua causa atuante, mas que são ao mesmo tempo dependentes da constituição da crosta terrestre sólida enquanto (...) sua mais importante condição” (HETTNER, 1903: 138). A quarta série de fatos, a qual Hettner, ainda em 1903, designou de série de fatos biogenéticos, incluiria “aqueles fenômenos da vida que, tal como o modo de vida (Lebensweise), não se podem reconhecer apenas a partir das condições do presente, mas sim que tem seu fundamento no passado” (HETTNER, 1903: 139). Aqui, causa atuante seria “o impulso de diferenciação da natureza orgânica fundado na essência da vida” (HETTNER, 1903: 139); as condições “tanto de diferenciação propriamente como de expansão dos gêneros originados através da diferenciação” poderiam ser buscadas novamente “em parte nos fatos endógenos, em parte nos exógenos, em parte nos climático-fisiológicos” (HETTNER, 1903: 139). Em quinto, certamente apenas [uma] causalidade insinuada, ele tratou o comportamento humano e a mente motivadora das ações humanas. Com essas reflexões ele havia destrinchado a divisão empreendida na descrição geográfica de maneira tradicional conforme os reinos singulares da

<sup>4</sup>Semelhante concepção seria desenvolvida um pouco mais tarde por Jean Brunhes ao designar as duas fontes fundamentais de energia em sua obra “Geografia Humana” como a “força sábia da Terra” e a “força louca do Sol”. Vale lembrar que ambos haviam sido de algum modo influenciados diretamente por Ratzel, junto a quem Hettner realizara sua tese de livre-docência em 1887 na Universidade de Leipzig e de quem se tornara colega de trabalho nesta mesma universidade, enquanto professor titular, em 1894. Já Brunhes frequentara em 1904, pouco antes da morte de Ratzel, um seminário ministrado por este na Universidade de Leipzig, retornando à cidade no ano de 1910. [N.T.]

natureza e a substituído por um sistema concatenando os fenômenos de diferentes reinos da natureza segundo as condições e causas nela atuantes.

Todavia, o problema principal da Geografia – a demarcação metodologicamente refletida de unidades espaciais – ainda não havia sido resolvido até aí com as referidas reflexões. A esse problema foi dedicado o último capítulo da contribuição de Hettner. Ali ele diferenciou, primeiramente, dois tipos de relações, segundo as quais a totalidade dos fenômenos podia ser classificada: o primeiro [tipo] constituir-se-ia das relações de igualdade e diferencialidade que fundiam como ponto de partida de uma tipificação e classificação não atentadas para uma conexão espacial (HETTNER, 1903: 193-96); o outro [tipo] constituir-se-ia das relações de posição e relações de mútua influência, as quais se tornaram ponto de partida da construção de complexos e sistemas espacialmente interconectados. Quando ele aplicou suas reflexões à questão de uma classificação consequente da superfície terrestre, chegou a uma conclusão surpreendente. De fato, as classificações existentes conforme as esferas de fenômenos podiam ser pensadas de maneira mais racional que até então com a ajuda da diferenciação por classes e tipos assim como por complexos e sistemas (HETTNER, 1903: 198-210); todavia, ficou evidente que era impossível uma classificação proveniente da superfície terrestre que fosse uniformemente equilibrada a todos os reinos da natureza. Obteve-se uma classificação da natureza apenas na medida em que se encontrou uma seleção entre, respectivamente, de um lado, classes e tipos e, de outro, complexos e sistemas. Embora Hettner tenha se esforçado para forjar a conexão entre ambas as formas de classificação, na medida em que atrelou, com a ajuda de um constructo temporal, complexos e sistemas a classes e tipos (HETTNER, 1903: 210), ainda assim a ilusão, por ele mesmo abertamente alimentada, já aqui foi rompida, subdividindo o continuum da superfície terrestre em um sem-número de regiões (*Länder*), paisagens e localidades encerradas em si mesmas.

Simultaneamente à publicação de “A Terra e a Vida” (*Die Erde und das Leben*) de Ratzel, um desenvolvimento muito mais perturbador havia oportunizado a Hettner a publicação precoce de seus apontamentos. Desde a virada do século [XIX para o XX] estavam em curso, na região de Baden, esforços no tocante à formação docente, esforços estes que não lhe agradavam de maneira alguma. Por instigação da associação de professores com formação acadêmica, a autonomia da Geografia estabelecida desde 1889, assim como a liberdade de escolha quase irrestrita das combinações possíveis, existente desde então, deveriam ser revogadas em um novo re-

gulamento de exames<sup>5</sup>. Os argumentos alegados pelos pedagogos escolares neste sentido deveriam ser esclarecidos imediatamente a não-geógrafos – bem como aos juristas alocados no ministério de Karlsruhe para deliberação sobre os cursos na universidade: pois a Geografia, tal como eles pensavam, não poderia apresentar nenhum método autônomo, mas sim apenas compilaria o estado de coisas explorado por outros cursos, ficando desautorizada a ter o caráter de um curso principal (*Hauptfach*) na formação docente. A Geografia deveria estar em questão apenas enquanto curso paralelo (*Nebenfach*) panorâmico para estudantes das ciências naturais assim como para historiadores.

De início, Hettner deixou de se posicionar perante seu colega de Freiburg, Ludwig Neumann. Enquanto antigo pedagogo, julgou-lhe capaz de um competente juízo na formação docente da Saxônia. Todavia, Neumann, de maneira delicada e pouco preparado para o embate, não quis se indispor com seus antigos colegas docentes<sup>6</sup>, de modo que Hettner, não precisando assim ter tanto respeito por eles, publicou por fim uma forte controvérsia sobre a futura formação do professor de Geografia em Baden (HETTNER, 1902:100-02). Nesta, acusava os pedagogos de Baden de terem negligenciado completamente o mais recente desenvolvimento da Geografia acadêmica. Em poucas palavras, ele os repreendeu por não estimularem nenhuma compreensão pela disciplina-ponte Geografia, que em seu direcionamento geográfico-regional seria a única disciplina escolar a tematizar a conexão entre homem e natureza. Se não se quisesse deixar irromper a injúria de uma simples disciplina topográfica, se se quisesse que os alunos adquirissem uma “representação intuitiva das paisagens de nossa pátria do mesmo modo como de regiões (*Länder*) estrangeiras” (HETTNER, 1902: 100-02), seria preciso que a Geografia permanecesse uma disciplina autônoma e que as aulas de Geografia fossem ministradas apenas por professores de Geografia, formados de maneira integral.

Apesar de ter conseguido afirmar “ao menos formalmente” a posição da disciplina no novo regulamento de exames de Baden<sup>7</sup>, Hettner assumiu as consequências a partir dos incidentes e partiu para o ataque no ensino. Pela primeira vez em mais de vinte semestres em sua atividade docente ele anunciou para o semestre de inverno de 1902/03 sua bem frequentada disciplina de uma hora como preleção sobre “Método e recurso dos estudos e ensino geográficos” (*Methode und Hilfsmittel des geographischen Studiums und Unterrichts*)<sup>8</sup>.

<sup>5</sup>Ver, por conseguinte, a apresentação detalhada do desenvolvimento em SCHULTZ (1989: 160).

<sup>6</sup>Em carta de Hettner a Hermann Wagner de 05 de março de 1902.

<sup>7</sup>Assim a avaliação de Hettner em uma carta a Hermann Wagner de 23 de outubro de 1903, Biblioteca universitária de Göttingen.

<sup>8</sup>Existe um pós-escrito (*Nachschrift*) a esta preleção a partir da pluma de Daniel

Elaborando a partir de trabalhos já publicados, tal como o artigo de abertura da Revista de Geografia (*Geographische Zeitschrift*), a aula magna de Tübingen e o tratado publicado no decorrer do semestre sobre "Conceitos fundamentais e princípios fundamentais da Geografia Física" (*Grundbegriffe und Grundsätze der physischen Geographie*), Hettner deixou transparecer frente ao olhar de seus estudantes a imagem de uma disciplina que possuía, enquanto disciplina formativa moderna, um valor sobretudo ideal. Por isto, em sua consideração introdutória acerca da história da disciplina, estabeleceu uma ruptura no último terço do século XIX. Ele mostrou como a Geografia, expandida no sentido de uma Ciência geral da Terra (*allgemeine Erdwissenschaft*), foi destituída de um nivelamento intelectual e pleiteou a fragmentação no âmbito disciplinar demarcado por Richthofen. Contudo, diferentemente dos apontamentos de até então e em reação ao bloqueio da obra de mapas fundamentais estatístico-populacionais, ele fez agora uma outra diferenciação importante. De fato, defendeu a conexão de todas as ciências, porém, concebendo a ciência como um sistema em si bipartido entre pesquisa e ensino. Enquanto ele, no que tange à pesquisa, abdicava agora de determinações normativas, impunha fronteiras tanto mais rígidas do ponto de vista do ensino disciplinar universitário. Então, neste contexto pela primeira vez contrastante dentro da sistemática do ensino – e não da pesquisa – ele caracterizou, por exemplo, a Física e a Química como ciências "abstratas", a Botânica e a Zoologia como "concretas", a Geologia e a Paleontologia como "temporais", a Geografia e a Astronomia como "espaciais"<sup>9</sup>. Já nesta preleção, posiciona-se criticamente frente à classificação das ciências de Windelband e Rickert (1896 e 1899), sob cuja luz a alocação de uma Geografia em si unitária era impossível. Ou vinha na oposição entre Antropogeografia ideográfica, ligada às Ciências do Espírito, e Fisiogeografia nomotética, ligada às Ciências da Natureza, ou então na dicotomia entre uma Geografia Geral formuladora de leis e uma Geografia Regional que convergia para o conhecimento do individual. Mas na medida em que a unidade da Geografia não era comprovadamente unívoca, na medida em que a disciplina não encontrava nenhum lugar definido no sistema das ciências, as fragmentações, altamente perigosas para a sobrevivência da disciplina nas escolas superiores, sempre podiam emergir de novo no âmbito escolar.

Da preleção ministrada no semestre de inverno de 1902/03 resultou univocamente que Hettner não estava muito mais disposto a aceitar por mais tempo ainda a opinião leiga de que a Geografia seria um conglomerado verdadeiramente irrefletido de resultados fornecidos por

outras ciências. Abertamente apoiado pelos processos que o ocuparam intensamente acerca da formação no ensino de Baden, ele reforçou sua controvérsia com os escritos filosófico-epistemológicos. Frente a este pano de fundo não se pode imaginar as preleções de Hettner claramente como a tentativa de apoiar visões que possivelmente impossibilitariam uma classificação da Geografia enquanto ciência em si unitária dentro do sistema das ciências. No ponto mais alto de suas preleções sobre a sistemática estavam trabalhos de Wilhelm Wundt, em especial ambos os volumes de sua "Lógica" (*Logik*) publicada em 1894/95 em segunda edição reelaborada. Ao lado disso, ele lia tratados de Sigwart, Lotze, Mill, Whewell, Dilthey, Comte, Spencer e os impactantes escritos de Windelband e Rickert (OSTERMEIER, 1986:54-59). Embora possa ter ficado conhecido explicitamente por meio dos panoramas fornecidos por Wundt também com sistemáticas da ciência de outros autores, não se pode menosprezar suas intenções. Seu interesse não era a rigor filosófico-epistemológico. Também não se tratava tanto de uma sistemática das ciências completamente nova. Seu problema era única e exclusivamente a classificação possível da Geografia – e certamente em sua forma considerada por ele como relevante – dentro das já existentes concepções sobre o sistema das ciências. Quando, no final de 1905, ele por fim publicou nos "Anais Prussianos" (*Preußischen Jahrbücher*) uma pequena contribuição sobre "O sistema das ciências" (*Das System der Wissenschaften*), não reivindicou de modo algum ter encontrado o ovo de Colombo. Suas considerações, como escreveu na introdução, "derivavam primeiramente do esforço de dar orientação (...) a uma única ciência, qual seja, a Geografia". Para resolver esta tarefa, ele "teve que continuar a se agarrar em alguma coisa". "Mas, claro, eu não me permito", continuou, "determinar nítida e completamente todas as ciências particulares segundo sua essência e suas tarefas. Ao contrário, gostaria de realizar sobretudo um pensamento geral [entenda-se: um pensamento universalmente conhecido – UW] que apenas tornasse possível uma classificação correta da Geografia no sistema das ciências em geral" (HETTNER, 1905a: 251).

Hettner começou seus apontamentos primeiramente com uma crítica da classificação das ciências empíricas empreendida por Windelband e Rickert. Ele objetava que Windelband e Rickert teriam transferido em grande medida o método lógico da Física e da Química para as ciências naturais descritivas. Mas nestas ciências naturais "os conceitos genéricos (*Gattungsbegriffe*) e leis exerciam um papel muito menor e os conceitos individuais e coletivos um papel muito maior do que na Física e na Química" (HETTNER, 1905a: 256-58). Além disso, a

Häberle. Este encontra-se sob a posse da autora.

<sup>9</sup>Ver Häberle, pós-Escrito, p. 171.

classificação dessas implica, “conforme sua sensação”, uma “concepção errônea do verdadeiro objetivo das ciências da natureza”. Pois “a formação dos conceitos gerais e das leis gerais” não seria “de modo algum seu objetivo, mas sim um meio, com certeza o meio mais importante para a finalidade do conhecimento da realidade” (HETTNER, 1905a: 257). No que tange às ciências da cultura, ele criticou – e assim as preleções de Schmoller mostram o efeito destas [ciências] – a significação dos conceitos genéricos foi, ao contrário, menosprezada por ambos os filósofos. Também as ciências da cultura trabalhavam com conceitos genéricos como, por exemplo, povos, Estados, formações econômicas, etc. (HETTNER, 1905a: 258) A partir daí, entre ambos os grupos de ciência existiria apenas uma diferença gradual, porém nenhuma oposição de princípio.

Como deveria então se apresentar uma classificação das ciências empíricas? Hettner encontrou uma primeira diferenciação entre as ciências da natureza e as ciências do espírito. Certamente não existia para ele “uma diferença fundamental do objetivo do conhecimento (...), mas sim uma diferença do objeto de pesquisa e, com isso, também em grande parte dos métodos científicos especiais” (HETTNER, 1905a: 260). “A ciência da natureza”, ponderou, teria a “ver com o mundo dos corpos, até o ponto em que a alma, o espírito, a vontade do homem não se manifesta”. Ao contrário, “agora os processos psicológicos no homem e também nos animais e os esforços e criações do espírito humano” (HETTNER, 1905a: 260) formariam o objeto das ciências do espírito. Paralelamente, haveria algumas ciências que teriam como objeto ao mesmo tempo a natureza e o espírito. Aqui pertencem de certo modo a Antropologia e a Etnologia, a Tecnologia e a Agronomia, a Arquitetura, a Pré-História e também, por fim, a Geografia.

Destarte, a outra subdivisão subsequente da ciência da natureza e da ciência do espírito estaria baseada na ideia de que as ciências empíricas fariam uso diferenciado da abstração. Em consonância com Auguste Comte, Hettner distinguiu, por conseguinte, as ciências concretas das [ciências] abstratas no interior das ciências da natureza e das ciências do espírito (HETTNER, 1905a:262). Sobre esta diferenciação repousaria também, segundo sua opinião, a diferenciação entre ciências naturais explicativas e [ciências naturais] descritivas. Em ambas as ciências naturais abstratas, isto é, a Física e a Química, a descrição não teria nenhum valor autônomo, estando mesmo à serviço da explicação. Em ambas, o experimento exerceria por isto um papel decisivo. Nas ciências concretas, ao contrário, entraria em seu lugar o método comparativo. Apenas nas ciências abstratas poderia haver leis de validade universal. Todavia, quan-

to mais especial (respectivamente concreto) fosse uma ciência, tanto menos abrangente poderiam ser as leis por ela formuladas. Este estado de coisas seria válido tanto para as ciências naturais descritivas quanto para as ciências do espírito, cuja única disciplina abstrata era, para Hettner, a Psicologia (HETTNER, 1905a: 263).

As ciências concretas ele subdividiu em três grupos: as ciências sistemáticas, as [ciências] cronológicas e as [ciências] corológicas. As ciências sistemáticas teriam a ver com as coisas da natureza ou da vida espiritual enquanto tais. Espaço e tempo apareceriam a elas como propriedades dos respectivos objetos investigados. Seus objetos de pesquisa formariam “os objetos e [p. 94] processos da realidade sob o ponto de vista da semelhança ou dessemelhança concretas e sua dependência concreta uns em relação aos outros” (HETTNER, 1905a: 266). Dentre estas ciências sistemáticas ele considerou, no âmbito das ciências naturais, a Mineralogia e a Petrografia, a Botânica, a Zoologia, a Paleontologia, a Meteorologia, a Hidrografia assim como a Oceanografia. Às ciências sistemáticas do espírito pertenciam as ciências da linguagem, do mito, da religião, do costume, do direito, do Estado, da economia, da arte e da ciência (HETTNER, 1905a: 267). Diferentemente das ciências sistemáticas, as ciências cronológicas ou históricas colocavam “o decorrer das coisas ao longo do tempo no centro de sua consideração” (HETTNER, 1905a: 269). Elas construíam desenvolvimentos assim como a conexão causal, mútuel ao longo do tempo, de séries individuais de fatos (HETTNER, 1905a: 270). Individualmente, Hettner diferenciou três ciências históricas: a Geologia enquanto teoria da história da crosta terrestre sólida, do clima e dos mundos vegetal e animal (HETTNER, 1905a: 271), a Pré-História enquanto ciência da história da humanidade antes do surgimento da transmissão escrita (HETTNER, 1905a: 271) e a Historiografia enquanto teoria da história individual, do desenvolvimento de fenômenos coletivos e da cultura (HETTNER, 1905a: 272). Nas ciências corológicas, a realidade sob o ponto de vista da ordenação das coisas no espaço foi finalmente levada em consideração. Do mesmo modo como as coisas eram dependentes umas das outras em sua série temporal, sua ordenação no espaço não se deu ao acaso: “se a ordenação no espaço fosse algo de coincidente, isto é, se a ordenação de uma sucessão de fenômenos fosse independente da ordenação de outra e se não houvesse também nenhuma conexão entre as coisas existentes simultaneamente no espaço, deste modo, seria com certeza desnecessário uma consideração especial acerca da ordenação espacial”. Todavia, uma vez que, comprovadamente, havia conexões “de diferentes esferas fenomênicas umas com as outras” e conexões de diferentes localidades, “as ci-

ências corológicas especiais tornaram-se necessárias" (HETTNER, 1905a: 273). Hettner designou duas ciências corológicas: a Astronomia de um lado enquanto teoria da ordenação espacial das constelações no universo, seu tamanho, sua massa assim como seu arranjo físico e químico e a Geografia enquanto teoria da ordenação espacial das coisas na superfície terrestre (HETTNER, 1905a: 274).

Com essas reflexões ele tinha atribuído à sua disciplina de fato uma posição autônoma enquanto disciplina entre as disciplinas no interior do sistema das ciências. Nenhum elemento da sistemática das ciências de Hettner era, no entanto, novo e original. Tanto a diferenciação entre ciências da natureza e [ciências] do espírito como também a função-ponte da Geografia, a diferenciação entre ciências abstratas e [ciências] concretas assim como a tripartição destas últimas – tudo isto havia sido pensado antes de Hettner e era domínio público da ciência (OSTERMEIER, 1986: 54-111).

Simultaneamente ao tratado de Hettner sobre "O sistema das ciências" (*Das System der Wissenschaften*) apareceu na Revista de Geografia (*Geographische Zeitschrift*), de certo modo como sua continuação, o artigo "A essência e os métodos da Geografia" (*Das Wesen und die Methoden der Geographie*). Com isto, ele previa acima de tudo romper, por fim, com a concepção tradicional da disciplina enquanto Ciência geral da Terra (*allgemeine Erdwissenschaft*).

Uma definição de Geografia como a única ciência da Terra em todas as suas relações – "tanto a Terra inteira conforme sua posição no universo, sua figura e seu tamanho e suas propriedades físicas, como as partes, ou melhor, as esferas da Terra: o interior da Terra, a crosta terrestre sólida, a água, a atmosfera, o mundo vegetal e animal e também a humanidade" (HETTNER, 1905b: 546) – era, para Hettner, por várias razões, uma coisa impossível. Uma definição de tal tipo deixaria escapar especialmente os fatos que a investigação, por exemplo, da natureza inorgânica já havia sido empreendida por um sem-número de disciplinas autônomas: a Astronomia, a Geodésia e Geofísica, a Geologia, a Mineralogia e a Petrografia, a Oceanografia e a Meteorologia. Uma "unificação destas ciências umas com as outras e com a assim chamada Geografia astronômica e matemática em um Estudo geral da Terra (*allgemeine Erdkunde*) – abstraindo-se da dissolução da autonomia disciplinar já ocorrida – também não teria mais "nenhuma finalidade junto à grande diferencialidade dos métodos científicos" (HETTNER, 1905b: 547). O mesmo valeria do ponto de vista da ligação da Geografia com a Botânica e a Zoologia assim como no tocante ao tratamento abrangente do homem. Uma definição de Geografia enquanto ciência da Terra

(*Wissenschaft von der Erde*), deste modo, não se poderia executar de maneira consequente e, portanto, resumiu Hettner: "logicamente impossível, historicamente infundada, danosa do ponto de vista prático – assim nós queremos finalmente nos decidir por lançá-la ao ferro velho!" (HETTNER, 1905b: 548). Ao invés disso, ele advogou, após um breve resumo de seus apontamentos sobre o "sistema das ciências", a favor de uma definição de Geografia "enquanto ciência corológica da Terra ou ciência dos espaços terrestres e dos lugares terrestres segundo sua diferencialidade e segundo suas relações espaciais" (HETTNER, 1905b: 553). Se este ponto de vista de consideração tivesse sido executado de maneira consequente frente aos fatos de diferentes reinos da natureza, a Geografia não seria mais uma ciência dualista. Pois o conceito "Corologia" não designaria nenhum método, mas sim o objetivo, o objeto da própria Geografia extraído apenas através da análise e recombinação do material sob aspectos corológicos e, portanto, não pré-estabelecido per se. Também do ponto de vista dos fatos a serem concebidos pelo geógrafo, Hettner alcançou agora uma visão mais diferenciada. Eles, igualmente, não eram pre-estabelecidos, mas sim artefatos da objetivação geográfica elaboradora da realidade sob o aspecto corológico. "Geográfico" seria, por conseguinte, um fato "sempre que e apenas quando, se e até o ponto que" apresentasse "diferencialidade local e se e até o ponto que estas diferencialidades locais" existissem "com as diferencialidades locais de outras séries de fatos enquanto causas ou efeitos dentro da conexão causal" (HETTNER, 1905b: 562).

No segundo capítulo de seu tratado, Hettner expôs o caráter lógico da Geografia. Esclareceu aí a questão de qual significado competiria aos fatos individuais dentro de uma Geografia definida dessa forma e em que medida, então, seria possível a formação de conceitos genéricos e leis. Em mais uma controvérsia com as concepções de Windelband e Rickert, ele acentuou expressamente: "o objetivo do conhecimento geográfico (...) não é o conhecimento de quaisquer generalidades, mas sim o conhecimento [concebido sob o aspecto corológico – UW] da realidade factual, o conhecimento dos fatos reais singulares, seja os estados ou os processos" (HETTNER, 1905b: 616). Todavia, na opinião de Hettner, com a ajuda de conceitos complexos (*Komplexbegriffe*) nomotéticos poder-se-ia descrever grande parte dos fatos a serem concebidos pela Geografia como grupos de fatos singulares. Conceitos geográficos importantes como, por exemplo, "situação" (*Lage*) e "fronteira" (*Grenze*) seriam, para ele, propriedades de tais conceitos-complexos, para os quais ele considerava também, por exemplo, continente (*Erdteil*), região (*Land*) ou paisagem (*Landschaft*), serra (*Gebirge*), sistema fluvial (*Flußsystem*) etc.

Por conseguinte, poder-se-ia “designar a Geografia atual como uma ciência geral ou nomotética”. De fato, Hettner admitiu simultaneamente que “a concepção conceitual-genérica e [a concepção] em conformidade com lei nunca poderiam descrever completamente a realidade, deixando “sempre um resíduo individual”. Uma “descrição geográfica da Terra que quisesse trabalhar apenas com conceitos genéricos” seria, por conseguinte, “impensável” (HETTNER, 1905b: 616). Em segundo lugar, “o estabelecimento de *conceitos genéricos* e a formação de lei nunca poderiam ser concebidos como o objetivo real da ciência geográfica”. Conceitos genéricos e leis seriam, “ao contrário, apenas um *meio para o fim*”<sup>10</sup>, e este fim seria “o mais simples e claro conhecimento possível da realidade” (HETTNER, 1905b: 616). Por isto Hettner resumiu que “a Geografia seria, por fim, tal como todas as ciências, embora em grau diferenciado, simultaneamente nomotética e idiográfica. Ela é idiográfica até o ponto que seu objetivo, o conhecimento dos fatos, é realidade individual [de pontos de vista corológicos – UW] e tem que, necessariamente, principiar com uma constatação e descrição desta realidade individual. Ela é geral e nomotética até o ponto que se vale dos conceitos genéricos sistematicamente formados para a descrição e se serve das leis para a explicação, muito embora sempre reste um resíduo a ser compreendido não por meio de conceitos genéricos e leis, mas sim apenas individualmente” (HETTNER, 1905b: 619).

Em relação à pesquisa na Geografia, a qual Hettner abordou em outro capítulo, procurou ponderar, em primeiro lugar, que as investigações geográficas teriam a ver, de fato, com as mesmas coisas e processos, tal como ambos haviam sido investigados também pelas ciências sistemáticas e históricas. Todavia, as investigações geográficas teriam a ver – e isto, para Hettner, seria justamente o geográfico – com as coisas e processos da realidade apenas na medida em que os concebemos sob o ponto de vista – diferente do de outras ciências – do ordenamento e da distribuição espacial. A rigor, a contemplação geográfica não poderia ter, por isso, “nenhum domínio apenas para si [portanto, nenhum recorte dado per se a partir da realidade – UW]” (HETTNER, 1905b: 620). Ao contrário, ela teria que partilhar os objetos de consideração com outras ciências, objetivando-os, contudo, segundo pontos de vista corológicos. Por conseguinte, o geógrafo não poderia simplesmente adotar as considerações empreendidas sob o ponto de vista de outras ciências. Essas [contemplações], assim como de resto também as contemplações geológicas, meteorológicas, estatísticas etc. empreendidas pelo Estado, teriam de ser reelaboradas a partir da problemática corológica para torná-las “elementos utilizáveis da ciência

geográfica” (HETTNER, 1905b: 621). Ainda melhor do que toda reelaboração seria, contudo, a contemplação geográfica autônoma.

No que se referia à investigação das conexões causais, para Hettner a dedução e o experimento na Geografia, enquanto uma ciência concreta, “pouco seriam levados em consideração” (HETTNER, 1905b: 625). Em seu lugar, deveria entrar o método comparativo de indução. Este pressupunha de fato que “o fenômeno a ser investigado não seria singular, mas sim existente em um número maior de exemplares”. Repousaria, portanto, “na formação de conceitos genéricos” e conduziria “ao estabelecimento de leis, isto é, de princípios que pronunciam uma necessidade causal a inúmeros fenômenos” (HETTNER, 1905b:625). Nesse sentido, as restrições fundamentais já feitas para os conceitos genéricos seriam válidas para o método comparativo. Por isto, além e antes do método comparativo ganhou vida um método de pesquisa que consistia em uma mistura peculiar de dedução e indução: a interpretação. O “essencial desse método” residiria, para Hettner, no fato de “que se teria deslocado, conforme a possibilidade, para dentro do fenômeno” [a ser esclarecido – UW] “e procurado explicá-lo a partir da essência dos processos levados em consideração como causas” (HETTNER, 1905b: 626)<sup>11</sup>. A investigação inteira realizava-se então de modo “que se estabelecessem suposições sobre a origem”, imaginando “exatamente o processo hipotético com base no conhecimento geral de tais processos”, fazendo-se, em seguida, “evidentes suas condições e seus efeitos” e constatando, então, “através da contemplação imediata”, “se estas condições e efeitos” haviam sido de fato realizados. “As experiências feitas em outros campos” seriam usadas “em tal investigação apenas como analogias, na medida em que se depreendia disso o estímulo tanto para a hipótese quanto para o exame dos fatos” (HETTNER, 1905b: 627). A interpretação não poderia estar ausente em nenhuma subárea da Geografia, posto que “apenas ela abriria a compreensão real para a conexão dos fenômenos; ao contrário, “o método comparativo, em geral, não seria aplicável frente a muitos objetos que temos que conceber como singulares junto à multiplicidade e diferenciabilidade infinitas das conexões”, e haveria “nesta relação apenas uma diferença gradual, e não de princípio entre a Geografia Física e a Geografia do Homem” (HETTNER, 1905b: 629).

O último capítulo de seu tratado Hettner dedicou aos métodos de apresentação na Geografia. A apresentação geográfica seria, de fato, diferente segundo a finalidade preestabelecida (científica, aplicada, didática) – sistemática ou metodicamente – mas, posto se tratar aqui

<sup>10</sup> Destaque no original.

<sup>11</sup> Ver também os exemplos extraídos da tese de livre-docência (Habilitationsschrift) de HETTNER (1887).

sim de uma forma de ensino no sentido mais amplo, tal como a pesquisa e muito mais forte ainda que ela, teria que atentar para a conversão do ponto de vista corológico. Por volta de 1905, dois modos de ordenação da apresentação se destacavam para Hettner: por um lado, “a apresentação dos fatores geográficos singulares, isto é, dos reinos da natureza em seus diferentes modos fenomênicos, apresentação esta que se desdobra sobre toda a superfície terrestre ou, em geral, sobre grandes espaços regionais (*Länderräume*)”; por outro lado, “a apresentação de localidades ou paisagens singulares, restritas ou amplas, mas sempre concebidas como unidades conforme seu caráter geográfico, isto é, segundo o modo de formação – peculiar a esse lugar ou a essa paisagem – dos diferentes fatores geográficos em sua conexão causal” (HETTNER, 1905b: 672). Para Hettner, no entanto, não teria mais validade a subdivisão da Geografia habitualmente empreendida com base nesses dois princípios dentro de ambas as subáreas, da Geografia Geral (*allgemeine Geographie*) e da Geografia Regional (*Länderkunde*). Continentes e grandes regiões, argumentou, são em si ainda tão diversificados que não se pode concebê-los como unidades, “isto é, para eles ao todo não se pode trazer à apresentação a interconexão dos diferentes fatores” (HETTNER, 1905b: 672). Por isso, continentes e grandes regiões podem ser tratados conforme o princípio da Geografia Geral. Portanto, em primeiro lugar seria necessário fornecer visões panorâmicas sobre a área inteira, antes que se pudesse deixar seguir a apresentação que individualiza as paisagens e localidades singulares. Por isso, só seria legítima “uma série que seguisse da Geografia Geral através da visão geral dos continentes e regiões até a apresentação individual das paisagens e localidades” (HETTNER, 1905b: 673).

No que se referia à questão – já abordada em 1903 – da regionalização, ele advogou que se atentasse, de maneira muito mais intensa que até então no âmbito da apresentação, para “a dupla relação lógica dos espaços terrestres uns com os outros”. Pois, de um lado, “as localidades e paisagens seriam partes de grandes totalidades, complexos ou sistemas”, estando, portanto, “sob influência ou correlação causal mútua no interior da relação entre si e com o todo”. Por outro lado, “espaços terrestres menores poderiam ser diferenciados dos grandes através de uma maior especificação das propriedades” na apresentação, relacionando-se com eles, por conseguinte, “tal como os diferentes indivíduos se relacionam com a espécie, ou melhor, como as diferentes espécies se relacionam com o gênero, a família, a ordem”. Cada recorte “natural” da Terra empreendida para fins de apresentação, portanto, teria que reunir estruturas e classificações e considerar tanto os fatos de correlação

como de igualdade e diferencialidade. Todavia, tanto os complexos baseados na estruturação como os espaços de tipo igual baseados na classificação seriam distintos “nos diferentes reinos da natureza e em suas diferentes esferas fenomênicas”, de modo que seria impossível – tal como ele destacou mais uma vez – um recorte da superfície terrestre universalmente satisfatório (HETTNER, 1905b: 673)<sup>12</sup>.

Outro problema do ponto de vista da apresentação estaria relacionado com a questão do arranjo mais adequado dos fatores singulares nos panoramas dos continentes e dos grandes espaços. Aqui, a sequência a ser escolhida na apresentação descritiva e na apresentação explicativa seriam diferentes. Uma vez que na apresentação descritiva deveriam estar na base os seis reinos da natureza e suas formas fenomênicas, deu-se uma sequência partindo do arranjo da matéria, “já que a investigação da natureza inorgânica no melhor dos casos progride da superfície terrestre sólida passando pela hidrosfera até o clima”, porquanto – tal como Hettner destacara graças à intuitividade –, “nós podemos nos representar aquela [a superfície terrestre] sem este [o clima], mas não este [o clima] sem aquela [a superfície terrestre]” (HETTNER, 1905b: 675). Neste ponto, poder-se-ia prosseguir a apresentação da natureza orgânica a qual, por sua vez, não seria imaginável sem a natureza inorgânica “e, evidentemente, dentro da sequência histórica e material: mundo vegetal, mundo animal e homem” (HETTNER, 1905b: 675). Esta forma ordenada segundo o esquema geográfico-regional não reproduziria, todavia, nenhuma das conexões causais que teriam sido almejadas na apresentação explicativa. Por isso, já em 1905 Hettner objetara: “se [a sequência de fenômenos – UW] consistisse numa série causal simples, o arranjo mais adequado dos fatores resultaria automaticamente a partir dela. Porém, de fato a conexão causal dos fenômenos é muito emaranhada e mostra frequentemente interação, isto é, dependência mútua das diferentes séries de fenômenos. Uma reprodução completa da conexão causal da realidade através da apresentação seria, portanto, impossível” (HETTNER, 1905b: 676). Por isso ele advogou por se decidir caso a caso, onde uma “composição adequada só poderia provir apenas de um conhecimento completo do assunto combinado com a habilidade didática”. “Mas infelizmente” – como, de maneira perspicaz, formulou – “muitos geógrafos não se tornaram, de modo algum, conscientes da grande importância de sua tarefa” (HETTNER, 1905b: 676).

\*\*\*

<sup>12</sup>Hettner se posicionou detalhadamente acerca desse problema mais uma vez em 1908, sem conseguir, no entanto, resultados fundamentalmente diferentes. Seu versátil artigo sobre “A divisão geográfica da superfície terrestre” (*Die geographische Einteilung der Erdoberfläche*) foi dedicado à controvérsia com a divisão tornada insustentável de Ritter assim como à apresentação de sua própria divisão concluída nesse meio tempo; ver HETTNER (1908).

Embora as reflexões metodológicas de Hettner nos anos de 1890 tivessem girado em torno do estabelecimento de um conceito de Antropogeografia compatível com o conceito de Geografia Física, a Geografia do Homem permaneceu assim em aberto até em algumas observações mais marginais de seus tratados metodológicos fundamentais; o bloqueio da obra de mapas fundamentais estatístico-populacionais ainda ressoava. Apenas em 1907, no congresso dos geógrafos em Nuremberg (*Nürnberger Geographentag*), ele se pronunciou novamente sobre a Antropogeografia. Em argumentação difusa e justamente circunstanciada ele tentou “esboçar de maneira geral em sua conferência uma imagem da Geografia do Homem” (HETTNER, 1907a: 276).

Diferentemente da prática de pesquisa existente, a qual fora cunhada por volta desta época através dos trabalhos de Ratzel, Hettner sustentou, em sua conferência, as seguintes teses em concatenação com seus antigos apontamentos: ao invés de pressupor como invariável a dependência do homem em relação à natureza, deve-se partir, na Geografia, do fato de que as relações do homem com a natureza são mutáveis. Quanto mais o homem progride em seu desenvolvimento cultural, tanto mais ele se emancipa da influência direta da natureza; os efeitos da natureza se fariam sentir, portanto, apenas indiretamente e por meio de elementos intermediários. Fundamentalmente poderíamos diferenciar três diferentes categorias de efeitos da natureza sobre o homem. Em primeiro lugar, forças mecânicas, físicas e químicas que atuam “fundamentalmente ou talvez exclusivamente de maneira negativa, destrutiva”. Em segundo lugar, efeitos psicológicos e patológicos, portanto, estímulos, aos quais o organismo humano responderia “com fenômenos de adaptação” (HETTNER, 1907a: 283). Em terceiro lugar, por fim, efeitos psicológicos, portanto, motivos que residiriam na natureza e exigiriam do homem determinadas ações. É certo que não se pode aceitar que as mesmas condições naturais exerceriam por toda parte os mesmos efeitos, tão pouco que os mesmos homens agiriam de maneira diferente sob condições naturais diferentes; por isto, “tanto as condições naturais como as existentes diferencialidades da humanidade deveriam estar incluídas” nas “leis” a serem reconhecidas pela Antropogeografia (HETTNER, 1907a: 287). Por conseguinte, dois pressupostos necessários resultariam às investigações antropogeográficas: por um lado, deve-se, guiado pelos progressos da Geografia Física, estudar as condições da natureza individualmente e em sua conexão, “pois cada concepção mais nítida de um fenômeno natural” permite “reconhecer mais claramente sua influência sobre o homem” (HETTNER, 1907a:296). De maneira análoga, isso seria válido para os fenômenos do homem como, por

exemplo, povoamento, economia, tráfego, a vida estatal e social. Também estes poderiam ser concebidos em primeiro lugar per se, a seguir, em sua conexão causal e, em terceiro lugar, por fim, do ponto de vista de suas relações naturais, e embora os efeitos das condições naturais sobre colonização, economia e tráfego “já fossem agora bastante visíveis”, seriam para os demais fenômenos humanos certamente “ainda muito menos evidentes”; no entanto, não haveria nenhuma “dúvida de que (...) existiria uma dependência das relações sociais e estatais e da vida espiritual em relação ao modo de vida e à economia” (HETTNER, 1907a:290). Se essas suposições tornavam a concepção de fatos antropogeográficos uma área extremamente complexa, mais complicada ainda ficaria pelo fato de que, segundo a opinião de Hettner, deveriam ser levados em consideração, além do desenvolvimento e reformulação no lugar e posição, os sistemas de movimento, sejam migrações humanas e/ou transmissões de bens culturais humanas. Para se chegar a explicações satisfatórias na Antropogeografia, seria preciso, para isso, recusar todas as delimitações, também aquelas na imagem da paisagem. Se não quisesse então perder sua conexão com os demais ramos da disciplina, a Geografia do Homem não poderia ser determinada “senão como a ciência da formação diferenciada da humanidade e de sua cultura nos diferentes espaços terrestres em diferentes posições da Terra”. “Formação diferenciada em diferentes espaços terrestres e conexão causal destas diferencialidades com outras diferencialidades geográficas” seriam, ao olhar de Hettner, “ambos os marcos” que rotula(ria)m um fato humano como um fato geográfico, sem referência se isso seria uma diferencialidade do próprio homem ou de sua cultura, se seria um fato material ou um fato espiritual, “pois o espírito de um povo” seria do mesmo modo “um filho da natureza da região (Landesnatur) como seu corpo ou suas obras” (HETTNER, 1907a:301).

A partir disso, a primeira – e mais importante – exigência da pesquisa seria a constatação exata dos fatos científicos, e “apenas o mapa” conseguiria [realizar] tal tarefa. Por conseguinte, “a formação do método da cartografia antropogeográfica (...) seria um pressuposto indispensável da pesquisa” (HETTNER, 1907a:301). Apenas neste momento se poderia chegar à constatação, preparada “através de uma interpretação exata”, das conexões causais, as quais teriam se formado “de maneira muito mais difícil na realização das relações antropogeográficas mais gerais” e exigido “muito mais conhecimento do objeto” “do que haviam acreditado muitos geógrafos”. Somente “com a ajuda da interpretação exata e da consequente indução” a Geografia do Homem poderia a longo prazo ultrapassar “as vagas afirmações” que lhe

são imputadas e alcançar a mesma certeza dos resultados da Geografia Física" (HETTNER, 1907a: 302). No tocante ao sistema da Geografia bem como no que tange ao constructo teórico valeria para a Antropogeografia a mesma coisa que para outras partes da disciplina. Também as relações geográficas do homem deveriam ser tratadas sob pontos de vista corológicos; por isso, haveria tanto uma Geografia Geral do Homem como uma parte antropogeográfica dentro da Geografia Regional.

Contra uma tal versão da Antropogeografia se opôs Otto Schlüter. Para Schlüter a pesquisa antropogeográfica de até então adoeceu sobretudo com o fato de ela não ter podido se integrar facilmente no sistema da Geografia, o qual Schlüter, diferentemente de Hettner, compreendeu exclusivamente como um sistema de objetos de pesquisa. Em interpretação parcialmente equivocada das ideias de Richthofen (WARDENGA, 1990), Schlüter criticou o fato de à Geografia Física ter sido destinado um objeto corpóreo para a investigação, enquanto à Antropogeografia a consideração de uma relação causal. Ademais, ele se incomodou com a delimitação carente de acervo de fatos antropogeográficos. "Se quisermos pesquisar a influência da natureza sobre o homem", criticou Schlüter, "teremos que atrair para a esfera da contemplação todas as externalizações da vida humana; pois nem uma única [pessoa] deixaria de sentir falta de uma tal implicação [da natureza sobre o homem], mesmo que também sua comprovação pudesse ser ainda mais difícil" (SCHLÜTER, 1906:11).

Ponderações semelhantes também motivaram sua controvérsia com a proposta de Hettner de se operar a Geografia como Corologia de maneira consequente. Também neste caso, Schlüter reclamou, "somos remetidos para um campo completamente ilimitado de fatos que devemos investigar; pois não há um fenômeno que não possa ser examinado em sua distribuição espacial. E não há nada no pensamento que justificasse uma escolha e que pudesse nos orientar na escolha. Línguas, religiões, formas de arte, doenças e muitas outras coisas", ele argumentou, demonstravam "exatamente tanta diferença na distribuição espacial quanto os fatos da Geografia dos assentamentos humanos e da Geografia do transporte e, portanto, deveriam ser tratados exatamente da mesma maneira" (SCHLÜTER, 1906: 13). Schlüter levantou ainda uma outra reflexão para desmascarar "no geral como enganosa" a determinação hettneriana do objetivo da Geografia (SCHLÜTER, 1906:14). A superfície terrestre, da qual Hettner parte junto à sua determinação, é por se um objeto espacialmente extenso. Por conseguinte, não faz nenhum sentido atribuir à Geografia a superfície terrestre "segundo suas relações espaciais" enquanto objeto de pesquisa. Se perspectivarmos nomeada-

mente a superfície terrestre mesma, todas as relações espaciais tornar-se-iam novamente relações dentro do grande objeto mesmo "e, portanto, propriedades desse objeto". Assim, o contraste entre o modo de contemplação corológico e o [modo de contemplação sistemático] construído por Hettner desapareceria e a concepção espacial se transformaria em uma [concepção] puramente objetiva (SCHLÜTER, 1906:15). Para Schlüter haveria, portanto, não três, mas apenas dois tipos de ciências concretas: "uma que considera os fenômenos como objeto, portanto, conforme seu ser, e outra que os considera conforme seu vir-a-ser temporal". A Geografia não seria, portanto, uma ciência corológica, mas sim uma ciência objetivamente sistemática (SCHLÜTER, 1906: 16).

Partindo do ponto de vista de Schlüter, as objeções formuladas seriam absolutamente procedentes. Em suas reflexões, ele partiu da posição terrestre concreta e permaneceu junto a um objeto-referência direto. Hettner, ao contrário, se concentrou num modo de consideração de abrangência global e compreendeu regiões (Länder) e paisagens como fenômenos estruturais secundários da superfície terrestre. Em seu pensamento, portanto, fazia todo sentido falar da superfície terrestre "segundo suas relações espaciais"; apenas a regionalização expõe o objeto genuíno da Geografia. Diante das reflexões de Hettner, Schlüter tinha certamente pouca reflexão comparável a oferecer. Pois ele ocultou, sem cerimônia, o problema da regionalização e, para acentuar a autonomia da Geografia em relação às ciências sistemáticas, argumentou que uma vez que o objeto da Geografia – a superfície terrestre – forma em sua plenitude "um todo realmente unitário", um "indivíduo", "também a cunhagem especial dos seus fenômenos singulares (...) ganharia valor para o geógrafo, valor este que o [fenômeno] singular normalmente não possuía nas ciências naturais". Cada serra singular, cada linha de costa singular seria, para o geógrafo, "um fenômeno per se", e embora ele pesquise as leis gerais que determinaram sua formação, "a parte mais importante de sua tarefa residiria no fato de que ele apreenderia aquelas formas em sua individualidade nunca exatamente repetida" (SCHLÜTER, 1906:17). Enquanto uma teoria da forma baseada na intuição imediata da imagem da paisagem, a Geografia deveria "apreender a forma das coisas", para assim ser considerada segundo a necessidade "da multiplicidade infinita do real em sua cunhagem individual, concreta" (SCHLÜTER, 1906:22). A determinação do objeto da Antropogeografia seria agora fácil. Tudo que fosse "um fenômeno, um elemento da paisagem em geral", seria trazido para a esfera da contemplação. Assim, seriam, portanto, os rastros materiais, "os quais a atividade humana deixava na paisagem" (SCHLÜTER, 1906: 28), que

os geógrafos, sobretudo no âmbito da Geografia Cultural, deveriam se interessar. Linguagens, religiões e história, ao contrário, não seriam “objeto de pesquisa da Geografia”; tudo que fosse “puramente espiritual” Schlüter excluiu da Geografia Cultural para combater o perigo de “se perder no infinito” (SCHLÜTER, 1906:30).

Evidentemente, Hettner não foi de início completamente claro se e como ele deveria reagir às teses defendidas já em 1906 por Schlüter. Talvez ele esperasse do congresso dos geógrafos (*Geographentag*) outras explicações, pois tanto ele como Schlüter deveriam falar no ano seguinte em Nuremberg sobre problemas da Geografia do Homem. Uma vez que Hettner teria de proferir sua conferência em primeiro lugar e não sabia como Schlüter apresentaria seu tema “Sobre a relação entre natureza e homem na Antropogeografia”, ele se restringiu à proposta de Schlüter de conceber a Geografia Cultural como teoria das formas concretas, refutando-a apenas no fim de sua contribuição de maneira inteiramente aproximativa (HETTNER, 1907a: 300)<sup>130</sup>. Em Nuremberg, enquanto Hettner caracterizou o homem de fato como uma essência dotada de livre arbítrio, porém, determinada em suas ações por fatores sociais, colocando o maior valor sobre a fundamentabilidade das ações, Schlüter esboçou o homem como um indivíduo ligado à natureza em suas vivências interiores, não como um indivíduo socialmente determinado no interior dessa questão (SCHLÜTER, 1907:314).

Na esteira de ambas as conferências, desenrolou-se apenas uma discussão totalmente banal. Evidentemente, a plenária estava superlotada por causa de ambas as apresentações abstratas. Ninguém estava em condições de pontuar as concepções discrepantes sobre o conceito de Antropogeografia que estava por trás dos apontamentos dos oradores e de deixar concretizar, através de questões habilmente postas, a polarização existente dos próprios conferencistas.

Ao invés disso, Hahn elogiou globalmente o “grande progresso” que foi obtido “neste instante pelas falas ouvidas dos senhores” e destacou “que não apenas o Estudo da Terra (*Erdkunde*) poderia aprender alguma coisa com a Filosofia, mas também a Filosofia com o Estudo da Terra” (VERHANDLUNGEN..., 1907: XXXIV). A plenária deu-se por satisfeita com isso. Mas não Hettner. Para ele, a conferência de Schlüter estaria amparada na mais violenta contradição. Incapaz de reagir rapidamente e de expor sua reclamação ainda na reunião, tomou a decisão de resgatar a imperdível discussão do Congresso

de Geógrafos (*Geographentag*) na Revista de Geografia (*Geographische Zeitschrift*). Cerca de meio ano depois, ambas as conferências apareceram impressas. Hettner, que agora, entretanto, tinha tido tempo suficiente de refletir sobre as teses de Schlüter, tomou a liberdade de comentar a contribuição daquele na forma de um pequeno artigo. Aí ele pronunciou para todos os efeitos a concordância de ambos de que a Geografia não tem de atrair para a esfera de sua contemplação apenas um homem pensado de maneira passiva, mas polemizou fervorosamente contra uma pretensa metafísica, que Schlüter almejou reintroduzir na disciplina (VERHANDLUNGEN..., 1907:580). Neste contexto, repreendeu Schlüter em primeiro lugar por defender um conceito de causa “unilateral e também parcialmente enganoso”, o qual solaparia, com a fixação por processos de movimento, a possibilidade de explicação e, com isso, a possibilidade, enfim, de prognóstico (VERHANDLUNGEN..., 1907: 582). Em segundo lugar, retrucou-o por não ter diferenciado exatamente de maneira suficiente entre a busca por conexões causais formadora de todas as ciências empíricas e as interpretações filosóficas.

Antes que Schlüter pudesse dizer alguma coisa frente a essa crítica, Hettner publicou outro artigo que se contrapunha agora às objeções de Schlüter acerca da Geografia corológica (HETTNER, 1907c:627-632). Em sua interpretação, destinada à compreensão das acusações de Schlüter, incorreu em outros erros graves de recepção. Desse modo, acreditou que Schlüter tivesse colocado no mesmo caldeirão sua forma de Corologia e a concepção de Marthe e por isso julgou sem hesitar, que Schlüter teria lido de maneira negligente (HETTNER, 1907c:628). Além disso, Hettner menosprezou – permanecendo completamente em seu pensamento – uma diferenciação empreendida por Schlüter entre, de um lado, o objeto da ciência e, de outro, o ponto de vista especial, segundo o qual seria considerada a realidade de diferentes ciências. Por conseguinte, pareceu-lhe completamente incompreensível por quê Schlüter teria reconhecido mesmo a justificativa da concepção autônoma relacionada ao tempo e à matéria, porém, negando, no mesmo instante, a autonomia de um modo de contemplação espacial. Portanto, Hettner não tinha entendido, de modo algum, que Schlüter, em oposição a ele, aderira à referência direta ao objeto. Consequentemente, sua crítica à concepção de Schlüter acerca do conceito de superfície terrestre perpassava o cerne da questão. Certamente, Hettner censurava absolutamente com razão o fato de Schlüter não ter se esforçado em expor “a questão da relação da superfície terrestre com as coisas singulares nela encontradas” (HETTNER, 1907c:630), mas não compreendeu que a diferenciação por ele feita entre superfí-

<sup>130</sup>Outros querem restringir a Geografia àquilo que se pode ver ou tocar, àquilo que, por conseguinte, se chama concreto, e deixar a Geografia ser uma grande teoria das formas da superfície terrestre. Quando se leva a sério tal concepção, esta é muito restrita, mas quando se introduz na reflexão outras coisas pela porta dos fundos, aí então isto é mais ou menos uma disputa por palavra. Todas estas concepções se distanciam também arbitrariamente da tarefa historicamente como sendo da Geografia” (HETTNER, 1907a: 300).

cie terrestre enquanto objeto primário e regiões (*Länder*), paisagens e localidades enquanto objetos secundários não estaria de modo algum presente em Schlüter, porquanto neste o problema da regionalização desaparecia no conceito de indivíduo. Em terceiro lugar, ele se equivocou quanto ao conceito de forma (*Gestalt*) de Schlüter. Uma vez que Hettner não podia imaginar a definição de Geografia de maneira diferente do que como investigação e apresentação da Terra enquanto um complexo de regiões (*Länder*), não viu o que, de fato, o teria perturbado: é que Schlüter estaria em vias de banir novamente da Geografia o modo de reflexão espacial. Quando Hettner traduziu o conceito de forma de Schlüter por “arranjo espacial” (*räumliche Anordnung*) e o aclamou “alegremente com satisfação”, de tal sorte que também para Schlüter “a Geografia seria uma ciência de um conceito espacial”, ele se entregou a uma ilusão que deslumbrou seu próprio pensamento (HETTNER, 1907c:631). Por fim, ele incorreu em equívoco quando acreditou que Schlüter quis excluir “o espiritual” por completo da Geografia. No que se referia à concepção de Schlüter da Geografia Cultural orientada à imagem da paisagem, isto estaria de fato correto. Porém, uma vez que a Geografia Cultural seria, segundo as concepções de Schlüter, apenas uma subdisciplina da Antropogeografia completa e, tanto no âmbito da Geografia da População como também no âmbito da Antropogeografia teórica, processos espirituais deveriam ser absolutamente englobados, também aqui a crítica de Hettner não alcançou as intenções de Schlüter (HETTNER, 1907c: 631) (SCHLÜTER, 1906: 20) (SCHLÜTER, 1907: 311-15).

Após esse trabalho ter sido publicado, tão cheio de incompreensões e equívocos, Otto Schlüter dirigiu-se a Hettner com o pedido de poder posicionar-se na Revista de Geografia (*Geographische Zeitschrift*) acerca de suas acusações<sup>14</sup>. Hettner recusou-lhe. Também outras colocações, pautadas não mais especificamente contra Hettner, às quais Schlüter tinha se voltado com o pedido por impressão de sua resposta, tiveram a publicação indeferida, sempre devido às mesmas razões<sup>15</sup>.

Nessa controvérsia, tanto Hettner como também Schlüter permanecem engessados acerca do conceito de Antropogeografia dentro de suas respectivas percepção do problema. Frente ao complicado constructo hettneriano que operava com uma referência relacional da realidade e impunha o pensamento exigente a um geógrafo, pois os objetos da disciplina se originavam apenas na esteira de uma objetivação específica, Schlüter persistiu de maneira mesmo ingênua com o paradigma à

moda antiga natureza concreta – homem concreto. Sua determinação do objetivo da Geografia convergia para um excepcionalismo que escamoteava o problema da regionalização e sugeria uma conexão total dos fenômenos acerca do conceito formal. No constructo de Hettner, ao contrário, permanecia evidente tanto a questão da delimitação de espaços operável de maneira racional como também a função dos conceitos genéricos, regras e leis. Aquilo que de fato diferenciava diametralmente Hettner de Schlüter não se tornou, por fim, objeto de comunicação. Enquanto Schlüter, com suas reflexões metodológicas, almejava e, conseqüentemente, buscava exclusivamente na pesquisa minimizar a quantidade de objetos de pesquisa em detrimento da elevação da qualidade dos resultados da pesquisa, as externalizações metodológicas de Hettner se referiam, paralelamente à pesquisa, também ao a ela livremente ligado sistema lógico da Geografia a serviço do ensino e apresentação estruturados.

\*\*\*

Abstraído das objeções de Schlüter, inexistem outras reações aos tratados metodológicos de Hettner. As razões para este fato apenas poderiam ser especuladas pelo estado atual da pesquisa. Isso poderia ser atribuído menos à relação com a tradição por parte de Hettner – sem dúvida ele também teria promovido observações críticas –, do que, ao contrário, com uma postura completamente determinada, amplamente disseminada dentro da comunidade dos geógrafos. Pois evidentemente – e isto ecoa também nas diferentes introduções dos artigos metodológicos de HETTNER (1903: 21 & 1905b: 546), a maioria dos geógrafos acreditava que reflexões metodológicas eram “inúteis, quase que uma brincadeira” (HETTNER, 1905b: 546). Deste modo, também não foi nenhuma surpresa quando Kretschmer – um dos poucos a responder os tratados de Hettner por carta –, formulou, representando a maioria silenciada: “É claro que discussões teóricas não remediaram tudo; quando se [p. 108] vai primeiramente às execuções práticas as dificuldades se amontoam e então toda teoria é jogada ao vento e, até onde eu vejo, quase por todos os geógrafos da disciplina”<sup>16</sup>. Com suas observações, Kretschmer pôde demarcar o procedimento majoritariamente praticado por geógrafos. Para Hettner, isto não seria – cum grano salis – verdade. Evidentemente que havia oscilações na qualidade de partes singulares do texto em sua Geografia Regional da Europa publicada em 1907. Enquanto, por exemplo, a apresentação das depressões do leste europeu e das ilhas britânicas se baseava em uma farta base material, já distintivamente reelaborada, a característica da península ibérica, da Hungria, da Transilvânia, da península balcânica e Grécia apresentava uma primeira visão de conjunto da matéria mantida verdadeiramente crua

<sup>14</sup>Ver Carta de Schlüter de 9 de março de 1903. A datação do número do ano repousa sobre o equívoco que pode ser explicado pelo fato de que Schlüter divergiu nesta carta de fato em relação ao seu costume de escrever o mês em algarismo arábico; de fato, com base no seu conteúdo, a carta foi escrita apenas em março de 1908.

<sup>15</sup>Ver carta acima mencionada.

<sup>16</sup>Em carta de Kretschmer de 21 de fevereiro de 1906.

(HETTNER, 1907b: 107-141, 477-571, 612-681). Destarte, quando se analisa a obra completa do ponto de vista das reflexões metodológicas de Hettner, chega-se à conclusão que ela corresponderia exatamente, tanto na estrutura como na apresentação do singular estado de coisas, aos princípios que ele havia definido em seus tratados metodológicos como normativo para a Geografia. A uma visão geral sobre o continente estruturada segundo geofatores seguiria a descrição dos grandes espaços singulares: as ilhas Britânicas, a península Escandinava, a Finlândia com a Lapônia e Kola, a França, a Europa Central, a depressão do leste europeu, a península Ibérica, a Itália, a Hungria com a Transilvânia, a península Balcânica, a Grécia. Também esses grandes espaços seriam primeiramente descritos de maneira ordenada segundo geofatores singulares: situação, tectônica e pedogênese, hidrosfera, clima, mundo vegetal, composição étnica da população, relações estatais, povoamento e população, transporte, economia, cultura material e espiritual. Apenas após essa visão geral viria a característica das grandes paisagens em si ainda subdivididas<sup>17</sup>. Em consonância com as suas reflexões metodológicas, Hettner tentou fornecer, nos panoramas estruturados segundo geofatores, uma caracterização da estrutura interna e das forças remodeladoras da superfície ao abordar o tipo de processo meteorológico e ao explicá-lo a partir da circulação atmosférica, ao levar em consideração os fatores fisiológicos e os historicamente desenvolvidos do ponto de vista dos mundos vegetal e animal, e ao esboçar, no tratamento das relações humanas, uma imagem fechada da população em si e da cultura do espaço terrestre abordado. Tanto o tipo de tratamento quanto a divisão da matéria seguiriam de maneira detalhada aos critérios que, do ponto de vista da análise elementar do conteúdo material da Geografia, bem como do entrelaçamento de causas que produziam esses fatos, ele havia desenvolvido em seu artigo "Conceitos fundamentais e princípios fundamentais da Geografia Física" (*Grundbegriffe und Grundsätze der physischen Geographie*), publicado em 1903. A diferencialidade de uma classe de fenômenos seria explicitamente elaborada de lugar para lugar nos

<sup>17</sup>Hettner classificou as seguintes grandes paisagens conforme critérios principalmente tectônicos: Irlanda, Escócia e Inglaterra, Noruega setentrional, parte meridional do planalto escandinavo e costa ocidental, Norrland, sudeste da Noruega, sul da Suécia, Escânia e Bornholm, Finlândia e Lapônia, Península de Kola, paisagens atlânticas da França, paisagens no canal, paisagens continentais do norte da França, Maciço Central, sudoeste da França com Aquitânia, terras continentais do sudeste francês, paisagens litorâneas mediterrânicas, Países Baixos, o Noroeste alemão, Península da Jutlândia e ilha dinamarquesa, depressão do nordeste alemão, área de fronteira prussiano-polonesa, maciço xistoso renano, região montanhosa de Hessen, Turingia e Saxônia, Silésia, Sul da Alemanha, Altiplano do norte alemão, Boêmia e Morávia, Alpes suíços, Países do leste alpino, Alpes do norte, Alpes centrais, Alpes do sul, províncias do mar do leste da depressão da Europa do leste, norte da Rússia, Rússia branca, Criméia, leste da Rússia, depressão Cáspia, paisagens costeiras setentrionais da península hispânica, Portugal, planalto hispânico, terras continentais do nordeste, paisagens costeiras do leste, Andaluzia, ilhas Pitiúas e Baleares, Itália setentrional, Itália central, Itália meridional, Córsega e Sardenha, Sicília e suas ilhas adjacentes, paisagens singulares da Hungria e Transilvânia, Países Dináricos, Albânia e Macedônia, depressão do baixo Danúbio e sua cadeia montanhosa, Trácia e, para concluir, finalmente, as paisagens singulares da Grécia.

respectivos capítulos, nos quais a matéria apresentada seria tanto mais concreta, quanto menor espacialmente fossem as unidades descritas. De fato, a obra de Hettner não correspondia completamente às expectativas do ponto de vista da apresentação dos fenômenos unificados num lugar, expectativas estas que se podia alimentar enquanto leitor de seus tratados metodológicos. Aqui, ela permanecia com uma descrição adicional, às vezes incrementada pela inserção de singularidades históricas daquilo que também podia ser visto em um mapa na escala de 1:200.000 (HETTNER, 1907b: IV, 125-141, 166-177, 201-231, 290-476, 511-542, 558-611, 624-637, 655-681).

O manual de Hettner conhecido como "Princípios de Geografia Regional" (*Grundzüge der Länderkunde*) seria apenas uma parte de uma apresentação planejada muito mais volumosa do sistema de saber completo da Geografia. Uma vez completado, deveria compreender mais volumes sobre Geografia Regional (*Länderkunde*) e Geografia Regional Comparativa (*vergleichende Länderkunde*) e, certamente, duplicando em volume. Estava previsto, tanto para a Geografia Regional Comparativa como para a Geografia Regional, em primeiro lugar, uma descrição introdutória tencionando objetivos didáticos e, em segundo lugar, por outro lado, uma apresentação científica detalhada. Mas não se pode imaginar essa "escrevinhação" (HETTNER, 1960b:78) como um plano de publicar mais tratados independentes uns dos outros. Ao contrário, para Hettner o texto de alguns capítulos havia se avolumado de tal ordem com a composição do primeiro volume dos "Princípios" (*Grundzüge*) que não seria mais possível incorporá-los de forma detalhada em um manual introdutório. Consequentemente, essas elaborações deveriam agora fornecer a base para uma obra chamada "científica", a qual Hettner esperava concluir o mais rápido possível, possivelmente com a incorporação de outros autores. Já o plano completo mostra claramente em qual nível de escala ele estava capacitado para uma descrição regional (*Landesbeschreibung*) racional através de suas reflexões metodológicas. Embora a obra-compêndio fosse estruturada segundo a Geografia Regional Comparativa e a Geografia Regional, as partes individuais apresentavam uma relação estreita entre si. Do ponto de vista puramente sistemático, uma apresentação explicativa no âmbito da Geografia Regional Comparativa deveria principiar pelos grandes sistemas singulares, pela divisão entre terra e mar, pela estrutura e pelas formas principais de terra firme, pela hidrosfera relativa à terra firme e climas da Terra, pelos mundos vegetal e animal assim como pelo tráfego mundial, pela economia mundial e pelo sistema estatal mundial. Hettner havia exposto, em seu artigo acerca dos conceitos

fundamentais e princípios fundamentais da Geografia Física, os princípios segundo os quais poder-se-ia proceder aqui. Na sequência, baseando-se nas reflexões e propostas teóricas no tocante a uma divisão geográfica – dotada de sentido – da superfície terrestre (HETTNER, 1908), dever-se-ia seguir uma apresentação dos continentes singulares no âmbito da Geografia Regional, tal como ela agora, concebida brevemente, apresentou para a Europa em seus “Princípios da Geografia Regional”. Todavia, uma vez que a Geografia Regional perseguiria em outras partes o princípio de apresentação da Geografia Geral, a escolha da matéria se dirigiria, dentro das reiteradas descrições em diferentes níveis de escala, aos geofatores singulares conforme uma escala diferenciada de generalização. Quanto maior fosse o espaço terrestre a ser caracterizado, tanto mais abstratamente operaria a descrição empreendida com a ajuda de conceitos genéricos e leis. Ao contrário, quanto menor espacialmente versasse a apresentação, tanto mais forte a descrição idiograficamente procedente referir-se-ia ao estado de coisas concreto. Compreende-se agora, facilmente, por que Hettner pôde falar do propósito de conceitos genéricos e leis, e por que ele tinha caracterizado a Geografia – para além da estrutura tradicional em Geografia Geral e Geografia Regional – como uma disciplina que opera tanto nomotética quanto idiograficamente: essas declarações já se referiam não mais a problemas epistemológicos, mas sim à questão da divisão lógica da matéria na obra-compêndio por ele planejada que compreenderia o sistema completo da Geografia. Embora pesquisa e apresentação, análise e síntese já estivessem separadas em seu pensamento, os pesos entre ambos os ramos ainda estavam divididos de maneira relativamente equilibrada, e as reflexões sobre o conteúdo material da Geografia e sobre a assim chamada “causalidade geográfica”, reflexões estas a serviço da sistematização e escolha da matéria, podiam realmente ser lidas no sentido de uma heurística da pesquisa. Apenas na década seguinte, o ponto focal do pensamento de Hettner seria remanejado, finalmente, para a síntese, partindo, portanto, da pesquisa rumo aos puros apontamentos da apresentação. Paradoxalmente, essa correção muito atrasada seria o resultado de uma luta que ele travou pela manutenção do direito de padronizar a qualidade da pesquisa geográfica.

## Considerações Finais

As reflexões metódicas e metodológicas de Hettner apenas podem ser compreendidas adequadamente, conforme a opinião da autora, quando se considera que a perspectiva corológica por ele desenvolvida foi responsável por romper com uma concepção clássica de Geografia, tomando os espaços por unidades de investigação dentro “da” realidade existente e dada. Os espaços de Hettner não teriam existência “per se”; ao contrário, seriam resultado de um processo de regionalização metodologicamente controlado, constituindo-se, a rigor, como artefatos, que seriam produzidos apenas através da Geografia científica. Na medida em que Hettner proclama a perspectiva corológica como obrigatória para todas as partes da Geografia, não se origina em seu pensamento formalmente orientado nenhum hiato entre, de um lado, a Geografia Física e, de outro, a Geografia Humana. Infelizmente, contudo, essa perspectiva (e isso é apresentado nos três capítulos seguintes da tese de doutoramento da qual o presente artigo foi extraído) não se impôs, pois a inclinação da comunidade geográfica acadêmica daquele momento para o trabalho orientado teoricamente era relativamente pequena (e não apenas no âmbito germanófono). Ademais, encontrava-se à disposição, com a incorporação da Geografia da Paisagem (Landschaftsgeographie) no período entre-guerras, praticada de maneira forçada pela geração mais jovem, uma concepção muito mais simples e muito mais intuitiva, a qual não impunha aos geógrafos daquele período o pensamento anteriormente inaceitável de que os espaços talvez pudessem “apenas” ser construídos e, de modo algum, estarem “aí”, concretamente.

## Referências

### Material não impresso

Cartas de Hettner a partir do espólio de Hermann Wagner (Cod. Ms. Hermann Wagner) conservadas na Niedersächsischen Staats- und Landesbibliothek zu Göttingen, em:

WAGNER, Hermann, de: 23.10.1903, 19.08.1919, 28.11.1919, 10.07.1921, 29.07.1923, 06.11.1927.

Cartas de Hettner a partir do espólio de Alfred Hettner, Universitätsbibliothek Heidelberg (Heid. Hs. 3929, D I), em: PARTSCH, Joseph, de: 12.05.1896, 15.08.1914, 16.10.1914

Cartas de diferentes autores a partir do espólio de Alfred Hettner, Universitätsbibliothek Heidelberg (Heid. Hs. 3929; D II);

Cartas a Hettner de:

KRETSCHMER, Konrad, de: 21.02.1906 (D II 230)

SCHLÜTER, Otto, de: 09.03.[19]03 (D II 377)

Pós-escrito de Daniel Häberle sobre as preleções de Hettner: „Methode und Hilfsmittel des geographischen Unterrichts“; WS 1902/03 (sob posse da autora)

### Literatura Primária

HETTNER, Alfred. *Allgemeine Geographie des Menschen*. Vol. 1. Die Menschheit. Grundlagen der Geographie des Menschen. (Organizado por Schmitthenner, Heinrich). Darmstadt, 1977.

\_\_\_\_\_. *Aus meinem Leben* (citado como Autobiografia). In: PFEIFER, Gottfried (org.). 6.8.1959, Gedenkschrift zum 100. Geburtstag. Heidelberg, 1960a, p. 43-72 (Heidelberger Geogr. Arb. 6).

\_\_\_\_\_. *Das System der Wissenschaft*. In: Preussisches Jahrbuch, N. 122, 1905a, p. 251-277.

\_\_\_\_\_. *Das Wesen und die Methoden der Geographie*. In: Geographische Zeitschrift, N. 11, 1905b, p. 545-564, 615-629, 671-686.

\_\_\_\_\_. *Die geographische Einteilung der Erdoberfläche*. In: Geographische Zeitschrift, N. 14, 1908, p. 1-13, 94-110, 137-150.

\_\_\_\_\_. *Die Geographie des Menschen*. Vortag 16. Deutscher Geographentag. Nuremberg, 1907a & Geographische Zeitschrift, N. 13, 1907a.

\_\_\_\_\_. *Drei autobiographischen Skizzen*. Organizado por Ernst Plewe. In: PFEIFER, Gottfried (org.). 6.8.1959, Gedenkschrift zum 100. Geburtstag. Heidelberg, 1960b, p. 77-80 (Heidelberger Geogr. Arb. 6).

\_\_\_\_\_. *Gebirgsbau und Oberflächengestaltung der Sächsischen Schweiz*. Tese de livre-docência. Stuttgart: Engelhorn, 1887.

\_\_\_\_\_. *Grundbegriffe und Grundsätze der physischen Geographie*. In: Geographische Zeitschrift, N. 9, 1903.

HETTNER, Alfred. *Grundzüge der Länderkunde*. Vol. 1. Europa. Leipzig, 1907b; Vol. 2. Aussereuropäische Erdteile. Leipzig-Berlin, 1924.

\_\_\_\_\_. *Methodologische Streifzüge*. I. Der Gegenstand der Geographie. In: Geographische Zeitschrift, N. 13, 1907c, p. 627-632.

\_\_\_\_\_. *Zur Ausbildung der Geographielehrer*. In: Geographische Zeitschrift, N. 8, 1902, p. 100-102.

RATZEL, Friedrich. *Die Erde und das Leben*. Eine vergleichende Erdkunde. Vol. 1. Leipzig-Viena, 1901; Vol. 2. Leipzig-Viena, 1902.

RICKERT, Heinrich. *Die Grenzen der naturwissenschaftlichen Begriffsbildung*. Freiburg-Tübingen, 1896-1902; Tübingen 1913, 1921, 1929.

\_\_\_\_\_. *Kulturwissenschaft und Naturwissenschaft*. Freiburg, 1899, Tübingen, 1910, 1915, 1921, 1926.

SCHLÜTER, Otto. *Die Ziele der Geographie des Menschen*. Munique-Berlin, 1906.

\_\_\_\_\_. Über das Verhältnis von Natur und Mensch in der Anthropogeographie. In: *Geographische Zeitschrift*, N. 13, 1907, p. 505-517.

VERHANDLUNGEN des sechzehnten deutschen Geographentages zu Nürnberg vom 21. bis 26. Mai 1907 (Sessões do 16. Congresso de Geógrafos alemães de Nurembergue, de 21 a 26 de maio de 1907) , hg.v. Georg Kollm, Berlin, 1907.

#### Literatura Secundária

GLOCKNER, Hermann. *Heidelberger Bilderbuch*. Erinnerungen von Hermann Glockner. Bonn, 1969.

OSTERMEIER, Johan Frederik. *De opvattingen van Alfred Hettner (1859-1941) over de plaats van der geografie in het systeem van de wetenschappen*. Een bijdrage tot zijn intellectuele biografie. Proefschrift Nijmegen, 1986.

SCHULTZ, Hans Dietrich. *Die Geographie als Bildungsfach im Kaiserreich: zugleich ein Beitrag zu ihrem Kampf um die preussische höhere Schule von 1870-1914 nebst dessen Vorgeschichte und teilweiser Berücksichtigung anderer deutscher Staaten*. Osnabrücker Studien zur Geographie, 10. Osnabrück: Fachgebiet Geographie im Fachbereich Kultur- u. Geowiss. d. Univ., 1989.

WARDENGA, Ute. *Ferdinand von Richthofen als Erforscher Chinas. Ein Beitrag zur Entstehung und Verarbeitung von Reisebeobachtungen im Zeitalter des Imperialismus*. In: Ber. Wissenschaftsgesch. 13 (1990), p. 141-155.